

Reflexão sobre os valores civilizatórios africanos a partir da animação “Kiriku e a feiticeira” de Michel Ocelot

MARCELO FONTANA*

Resumo

Esse artigo aborda as possibilidades de trabalho com a animação Kiriku e a Feiticeira, de Michel Ocelot, demonstrando como a palavra é o veículo depositário de valores civilizatórios que permitem entender as sociedades africanas como sociedades da palavra.

Palavras-chave: África Tradicional; Currículo; Educação.

Abstract

This article discusses the possibilities of working with Kiriku and the Witch animation of Michel Ocelot. The purpose of this article is to understand the central role the word plays in traditional African societies.

Key words: Traditional African society; Curriculum; Education.



* **MARCELO FONTANA** é Bacharel em História pela FFLCH/USP, Licenciado em História pela FEUSP, Pedagogo pela UNINOVE. Coordenador Pedagógico e Professor de História da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Introdução

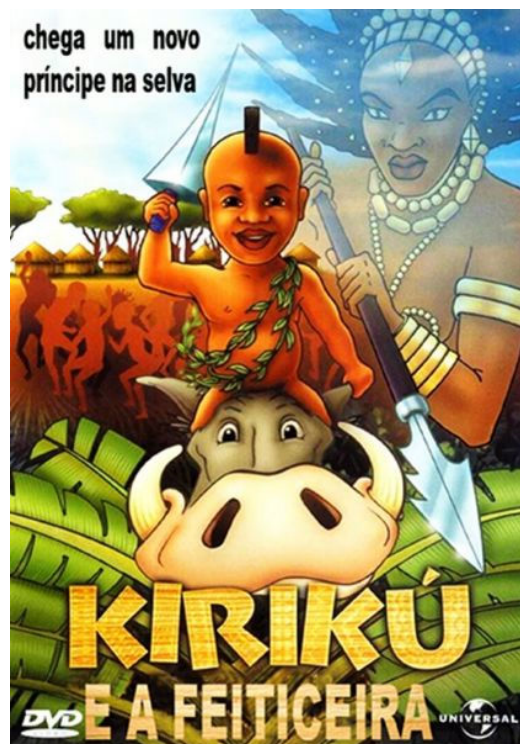
Em **Kiriku e a Feiticeira** está presente uma narrativa **peul** ou **fulani**¹, denominado *jantol*². Na versão peul,

¹ Peul, fula e fulani são denominações empregadas para designar um povo de pastores amplamente distribuídos pela África do Oeste.

² Trata-se de um gênero literário associado aos ritos iniciáticos da sociedade peul. Segundo Hampatê-Ba, o *jantol* é um relato extenso, onde personagens humanas e fantásticas são situadas num tempo e espaço míticos e primordiais. Todo *jantol* desempenha uma função pedagógica, funcionando como uma espécie de “enciclopédia” onde saberes são codificados na forma de uma narrativa ao mesmo tempo útil e fútil, envolvente e divertida. Cabe ao narrador, um sábio, ao comentar os trechos do *jantol*, decifrá-lo para aqueles que são ainda aspirantes no processo iniciático que conduz a formação do mais alto ideal de homem entre os peuls.

A iniciação peul conta com um conjunto de três histórias: *Kaïdara*, que descreve o caminho iniciático a ser percorrido pelo neófito até alcançar o status de sábio; a história de *Bagoumawel* et *Njeddo Dewal*, *la mère de calamité*, onde o processo iniciático prossegue através da discussão da origem da humanidade e dos fulanis; e *L'éclat de la Grande Étoile*, uma história sobre a transcendência e o caminho que conduz a excelência e a **realeza**, considerada uma **instituição sagrada**. Em todas as histórias, as personagens se repetem e as passagens e viragens das histórias fornecem saberes que se completam e interpenetram conduzindo à formação do homem segundo o modelo de excelência da sociedade fula.

Cabe aos ritos iniciáticos ao lado das práticas religiosas e terapêuticas manterem, administrarem, fortalecerem, ampliarem e assegurarem o equilíbrio das forças vitais, seja no plano individual, seja na comunidade ou ainda no conjunto da criação. Tais processos são indissociáveis, uma vez que o próprio ser humano é concebido como um conjunto de forças vitais em constante interação com a comunidade e com todos os demais elementos da criação. A **doença** e a **morte** são concebidas como rupturas desse delicado equilíbrio. Desse modo, cabe a realeza sagrada, aos sábios, aos especialistas na manipulação das forças vitais, aos adivinhos, aos sacerdotes e aos curandeiros fortalecerem, preservarem e, se preciso, reestabelecerem esse equilíbrio, garantindo assim a continuidade da vida.



Bagoumawel, um herói civilizador, enfrenta a terrível feiticeira *Njeddo Dewal*. De um modo geral, a história fala da arrogância dos primeiros seres humanos e do afastamento da humanidade de *Guéno* – o deus supremo ou pré-existente, que enviou para repreendê-los a maléfica *Njeddo Dewal*, a “mãe das calamidades”. Para escapar de seus feitiços, os fulanis tiveram de deixar o paradisíaco país de *Heli* e *Yoyo* e se dispersar pelo mundo. A ordem social só foi restabelecida, graças a intervenção de *Bâ-Wan’Nde* e de sua esposa *Kobbou* que auxiliados por *Guéno* e por um carneiro maravilhoso, conceberam *Bagoumawel* – a “criança predestinada” a triunfar sobre a feiticeira.

Outras narrativas, muito semelhantes ao *jantol* peul, circula pelas sociedades tradicionais da África do Oeste. Um administrador colonial francês, **François Victor Equilbecq** (1873-1917) coletou entre os anos de 1904 e 1912 contos peuls, haussá, mandinga, dogon, entre outros, que foram reunidos na sua obra *Contes Populaires*

d'Afrique Occidentale, précédées d'un Essai sur La Littérature Merveilleuse des Noirs, publicada em 1913.

Contudo, foi um importante africanista, **Amadou Hampaté-Bâ** (1901-1991), quem publicou, em 1985, o livro *Bagoumawel et Njeddo Dewal, la mère de la calamité*. Em seguida surgiu, em 1998, a animação **Kirikou et la Sorcière**, com o roteiro e direção de **Michel Ocelot** e com a trilha sonora de **Youssou N'Dour**.

No Brasil, Kiriku e a Feiticeira imediatamente cativou milhares de crianças, jovens e adultos. Corajoso e questionador, o pequeno herói africano adentrou as unidades educacionais como a encarnação do protagonismo infanto-juvenil, enquanto que a sua dimensão mítica e a sua íntima relação com a cosmovisão africana foram, de certa maneira, mantidas em segundo plano.

O presente texto pretende fazer uma pequena discussão sobre como a animação de Michel Ocelot mantém conexões com a cosmovisão dos povos africanos e com os valores civilizatórios presentes nessas sociedades.

A palavra como princípio socializador e expressão da força vital

Erroneamente denominados de fetichistas, os povos africanos não acreditam que objetos sejam deuses ou seres sobrenaturais, mas atribuem a eles um papel simbólico, tanto quanto o fazem demais povos do mundo. Portanto, uma estátua de **ancestral**³ não

é jamais confundida com o próprio ancestral, mas é um instrumento para relembra-lo, trazendo de volta ao presente a sua história. Sendo a família extensa composta pelos vivos e pelos seus ancestrais, é dever de todos os membros da comunidade respeitá-los e aos decanos da comunidade. Isso porque, nesse sistema de pensamento, um antepassado não **foi** um membro da família, mas continua a **sê-lo** mesmo depois de incorporado ao conjunto dos ancestrais.

Do mesmo modo, o homem encontra-se em estreita relação com o cosmos. O ser humano partilha o dom da palavra com o ser supremo ou **pré-existente**, que é um **ser-força** ou uma **força-ser**. Sendo ele a força maior e anterior, é dele que emana um conjunto de **forças vitais**, as quais se movem pelos dois planos do universo criado (o **invisível** e o **visível**) e se distribuem desigualmente entre as deidades, as forças naturais, os ancestrais, a terra, os seres humanos, os animais, os vegetais e os minerais. Por partilhar com o pré-existente o dom da **palavra**, o homem ocupa a centralidade da criação, cabendo a ele manter o equilíbrio entre todas as forças vitais.

Ao conceberem o mundo como um complexo sistema de forças vitais, os africanos sacralizaram as forças naturais, a palavra em todas as suas manifestações (escrita, grafismos e principalmente através da oralidade) e também a terra, considerada herança dos ancestrais (ou mesmo uma deidade).

³ Nas sociedades africanas tradicionais, encontramos três categorias de ancestrais. A primeira categoria é composta pelo pré-existente e pelas deidades, que são anteriores à criação da terra, minerais, plantas e animais e também anteriores à existência humana. A segunda categoria é composta pelos ancestrais míticos que, apesar de associados a genealogia das linhagens de parentesco, são desprovidos de

existência histórica concreta. Os heróis civilizadores, como Bagoumawel (e seu similar, Kiriku), podem ser enquadrados nessa categoria. A última categoria é composta pelos antepassados das linhagens de parentesco, homens e mulheres com existência histórica concreta que passaram por todos os processos de socialização (processos iniciáticos) e cuja memória é preservada por seus descendentes.

É por isso que Kiriku já começa a falar na barriga de sua mãe. A sua primeira ação no mundo, no plano visível é falar. Ela é o sinal da sua predestinação, de ser ele a criança escolhida e enviada por *Guéno* (o pré-existente, entre os peuls) para reestabelecer a ordem e a harmonia no mundo. Ele traz a palavra do mundo invisível para o mundo visível. Kiriku não fala apenas por falar, mas é a sua fala a sua primeira intervenção no plano visível do mundo, questionando sobre o estado em que ele se encontra e porque ele assim permanece. Ao indagar sobre as razões de Karabá ser má, e ao perguntar isso a ela mesma, o pequeno Kiriku, através e no exercício da palavra inicia a transformação do mundo e das pessoas que estão ao seu redor, vivendo na sua aldeia.

A aldeia constitui o mais significativo e importante espaço econômico das sociedades africanas originárias, que existiam muito antes da conquista européia do continente africano, iniciada a partir do século XV e consumada no século XIX. Trata-se da **comunidade aldeã**. Autárquica, está voltada para a satisfação das necessidades básicas da **família extensa** ou **linhagem de parentesco**, detentora da terra. Concebida como criação das divindades primordiais e herança indivisível dos ancestrais a terra era, por isso mesmo, sagrada e atributo de linhagem. Portanto, o seu uso era regulamentado pelos costumes, pela tradição e pelas crenças religiosas, cabendo a cada um dos membros da linhagem pleitear o uso da terra e a subsequente divisão dos bens produzidos nela. Por ser sagrada, não era possível fracioná-la ou comerciá-la. Na maioria dos mitos africanos, a criação da terra representa um dos momentos cruciais do nascimento do plano visível. Já os bens produzidos pelo trabalho humano, a partir do uso da

terra e dos recursos naturais, podiam sofrer apropriação privada e ser vendidos ou trocados por outros produtos nas feiras locais e nos mercados. Longe de constituir uma economia de subsistência, a comunidade aldeã produzia para o consumo local e também para os mercados locais e para os grandes mercados, muitos deles longínquos. Ou seja, apesar de autárquicas, essas comunidades não estavam isoladas uma das outras. A imagem de uma África selvagem e isolada do restante do mundo foi, assim, em grande parte, uma construção ideológica para fins de justificativa do colonialismo europeu.

Não podemos considerar a aldeia onde o pequeno Kiriku mora como uma “ilha” em meio a um ambiente repleto de bestas e animais selvagens. O menino prodígio mora nas savanas do Sael africano, um espaço profundamente impactado pela ação antrópica. Kiriku corre por entre as casas redondas que minimizam o vento das savanas e se move por entre cestos, pilões, ferramentas e armas. Perambula nos bosques e matorrais e brinca com outras crianças no regato. Não há nada de selvagem nisso: ele vive e cresce num espaço socializado e em meio a uma natureza transformada para atender às necessidades humanas. Kiriku é um menino-homem que vive num espaço civilizatório milenarmente construído por gerações de mulheres e homens africanos.

A palavra como expressão da memória

Na história de Kiriku, palavra, socialização e memória estão intimamente associados. O indagar de Kiriku sobre os problemas de sua comunidade e sobre a natureza de Karabá é a expressão da palavra que

movimenta o conjunto das forças vitais e que incita o homem à ação.

O primeiro passo dado pelo menino prodígio envolve suas relações com as outras crianças e jovens de sua comunidade e com os membros adultos e mais velhos. Ele precisa ser reconhecido e situar-se num primeiro sistema posicional, que remete à formação da pessoa e a seus modos de pertença a organização geracional da comunidade: as chamadas **classes de idade** ou **fraternidades**. É a partir da sua classe de idade que Kiriku empreenderá a sua longa caminhada iniciática, na qual ele adquirirá o conhecimento necessário para vencer o mal presente na feiticeira Karabá.

Para tanto, o menino indagador terá que recorrer a todos aqueles que conhecem a palavra e os conhecimentos que ela pode conter. Primeiramente, recorrerá a sua mãe, que como mulher conhece os segredos da existência, do nascimento, da vida e da morte. **É a palavra que expressa vivência.** Noutros momentos, a palavra é música, canto e performance. **É a palavra que socializa,** que reafirma os laços comunais, **que reforça a experiência comunitária.** Em seguida, terá de se confrontar com um especialista da palavra – um *Nyeeybe* fula. Trata-se do velho contador de histórias, muitas vezes sentado debaixo da árvore. Através dele a palavra é a memória que anima o público e cujo sentido muda ao sabor dos ventos. **É a palavra como versão.** Sempre adequada ao momento. Mas, a derradeira aprendizagem sobre a palavra só ocorrerá em decorrência do seu encontro com o seu avô que mora no cupinzeiro. É através da figura emblemática de seu avô, um *doma*, um depositário da tradição, que Kiriku conhece **a palavra que é sabedoria.**

Considerados especialistas na manipulação e transformação das forças vitais, os *nyeeybes* e os *domas* possuem um *status* especial entre os mandingas, bambaras e outros povos, que como os fulas, vivem na África do Oeste.

Muitas vezes, como no mundo mandinga, especialistas da palavra como os *nyeeybes* formam **agrupamentos profissionais** ou **corporações mais ou menos fechadas**. Entre os mandingas eles são conhecidos como *djéliw* (no singular, *djéli*). No Ocidente, são chamados de griots.

Como especialistas da palavra, eles se assemelham a outros grupos de artífices que manipulam e transformam as forças vitais: os metalurgistas, tecelões, curtidores e artistas do entalhe. São os *nyamakalaw* (no singular, *nyamakala*). Cada um dos grupos profissionais que integram o conjunto dos *nyamakalaw* é detentor de conhecimentos e saberes específicos, transmitidos pela tradição oral e aprendidos pela observação direta e por processos iniciáticos.

Contudo, é na figura de Karabá que a história de Kiriku ganha novos contornos. Karabá não é uma cópia de *Njeddo Dewal*. Seus contornos são mais humanos, mas ainda assim é uma bruxa que precisa ser vencida. Vencer Karabá é vencer **a palavra desagregadora**. É vencer a palavra que destrói e separa. Karabá mente, e por isso mesmo, separa os outros dos seus e afasta-se perigosamente de sua essência interior. Não possui autocontrole, se deixando levar pelas suas emoções. Palavra que impede a criação e a comunidade de prosseguirem sendo. Karabá despreza a vida comunitária, mas não é essencialmente maléfica e vampiresca como *Njeddo Dewal*, mas se tornou má e rude por pretender manipular as forças vitais em proveito próprio. Ao agir assim, torna-se a fonte de graves

desequilíbrios. A própria criação responde, tornando estéril a natureza ao redor dela. Karabá, também conhecedora dos segredos das forças vitais e do caráter mágico da palavra, não as emprega para o bem de todos, mas contra o coletivo. Karabá se tornou, deste modo, uma bruxa, não por ser a encarnação do maléfico, mas por ter se tornado um agente antissocial. É a figura de seu avô, um doma, que revela a Kiriku a verdadeira história de Karabá e ensina ao menino prodígio como vencê-la. É a **palavra partilhada** entre o sábio e o aprendiz que fortalece o coletivo contra o antissocial. A última tarefa do pequeno indagador consiste em aprender a usar a palavra partilhada como palavra agregadora. Sua tarefa final é reintegrar a comunidade, Karabá e a todos os demais, através da **palavra que une**. É exatamente na celebração da palavra coletivamente partilhada que o

menino Kiriku se realiza como homem e herói.

Referências

EQUILBECQ, François Victor. Essai sur la Littérature Merveilleuse des Noirs, suivi de Contes indigènes de l'Ouest africain Français - Tome premier. Versão mimeo, sem data.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. Contes initiatiques Fulbe. Njeddo Dewal, mère de la calamité. Paris, Abidjan. Stock, NEI-EDICEF. 1984.

KI-ZERBO, Joseph. História Geral da África. Volume I – Metodologia e Pré-História da África. São Paulo, SP. Ática Editora/UNESCO, 1982.

LEITE, Fábio. A Questão Ancestral. São Paulo, SP. Casa das Áfricas, 2008.

LEITE, Fábio. Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-Africanas. In: África – Revista do Centro de Estudos Africanos 18/19 (I). São Paulo, SP. FFLCH/USP, 1996.

Recebido em 2015-10-07

Publicado em 2015-10-14